

SILVA, Consuelo Dores. **Negro, qual é o seu nome?** Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995. 132 p., 21cm.

NEGRO QUAL O SEU NOME?

Victor dos Santos Nascimento¹

“A busca do negro pela liberdade é exaustiva, pois lhe reafirma a sua negação como pessoa humana. Esta é, pois, a tragédia do negro da Diáspora.” (SILVA, 1995, p. 54)

Negro, qual é o seu nome? Essa pergunta pode ser respondida no automático, já que responder sobre nosso próprio nome é algo constante em nosso cotidiano e, ao simples fato de ouvi-lo, nos tornamos atentos ao que se passa. No entanto, quando paramos para pensar sobre a construção de nossa identidade a partir da vinculação com o nosso nome, pode ser um pouco mais trabalhoso responder. É no entrelaçamento dessa rápida identificação que Consuelo Dores insere a sua perspectiva.

Mineira, nascida em Itapeverica, Consuelo Dores Silva cursou Letras e Pedagogia, tendo se graduado em 1973 e 1974, respectivamente. Mestre em Educação (1993) e doutora em Letras (2018), voltou a sua vida profissional para a atuação na área educacional e atualmente se dedica à orientação. Com especial apreço às temáticas raciais, Consuelo Dores publicou *Negro, qual é o seu nome?* pela editora Mazza em 1995.

Proveniente de uma família negra, a autora sabia-se descendente de escravizados, mas, por não ser um assunto recorrente em sua casa, pouco sabia da história de seu povo. Ao tomar consciência de sua situação de minoria em um mundo racista e em contato com os movimentos de contestação que pululavam na década de 60 do século XX e que influenciaram agentes em diversos locais nos anos seguintes, viu seu papel na estrutura social se alterar. Educadora, encontrou, então, nessa profissão a chave de construção da luta social, caracterizada por ser um diálogo dialético que permite aprender na mesma proporção que ensina. Aliás, essa seria a característica desse negro diaspórico: a constante busca de si em contato com os semelhantes.

¹ Mestrando em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.

Consuelo se pauta na premissa de construção da identidade a partir de um duplo fator: o individual e o social. Para ela, quando se trata da análise da construção da identidade, grande importância deve ser dada ao processo de socialização dos indivíduos. Nesse jogo de construção social, diante das várias esferas da qual faz parte, o indivíduo se constrói e torna-se consciente de sua singularidade. O ponto principal do livro é o fato de que a junção de atributos físicos e sociais são os responsáveis por dar o tom da característica de povos não-brancos, que se tornam responsáveis pela autoimagem e representação que os indivíduos vão construir.

Nesse sentido, a autora tem como tese o fato de que os povos não-brancos partem para a construção de si e de sua identidade a partir de suas conexões com representações de seu povo que não são suas. Acolhendo diversas importantes discussões a respeito da introjeção de uma identidade que não lhes era própria, Consuelo concorda com o proposto por Erik Erikson (1987), para quem o processo de introjeção de identidade ficou conhecido como a “identidade de renúncia”, que usualmente se refere a uma identidade negativa, resultado da interação com outras identidades e outros grupos étnicos.

O nome, segundo a autora, marca a nossa singularidade e o abismo entre o ‘eu’ e o ‘outro’. Ao colocar apelidos, em sua maioria depreciativos, os brancos dominam o lugar a ser ocupado pela outra pessoa e, ao mesmo tempo, não permitem que lhes aconteça o mesmo. O *locus* de realização da pesquisa que originou o livro foi um ambiente reconhecido como propiciador de socialização, a escola, e foi nele que a autora constatou que, como já podia ser visto em sua própria experiência, crianças negras são superprotegidas e acreditam não serem diferentes de outras crianças. Logo, ao se descobrirem em posição de desigualdade e ao passarem por situações de discriminação, como os apelidos pejorativos, não sabem como agir.

Foi nele também que a autora descobriu que ao mesmo tempo em que são apelidados com termos que desvalorizam suas características físicas e os animaliza, os estudantes negros demonstram a valorização de aspectos morais em sua personalidade, valorizados por seus grupos originários. Assim, existe uma interconexão e interdependência entre a própria identidade e a do outro.

A autora parte do pressuposto compartilhado com Erving Goffman (1982) de que a cor da pele é um estigma através do qual são transmitidas informações sobre a identidade mesmo sem a intenção de fazê-lo. A teoria do estigma enfatiza a diferença pois trabalha com a

ideia de que as pessoas possuem um papel, um lugar na estrutura social, e devem desempenhar ele tão bem quanto lhes for atribuído. Nesse sentido, a identificação, para a psicologia social, é o processo parcialmente inconsciente em que o indivíduo assume o papel do outro como se fosse seu, podendo ser anaclítico, ou seja, feito de pessoas de seu afeto, ou defensiva, a partir de figuras de poder, por medo.

É nesse processo que a pessoa negra, entendida como pessoa porque é um ator representante de si, estabelece relações através da comunicação e dos seus respectivos *feedbacks*. No entanto, a partir do processo de identificação, percebe-se que grande esforço é empreendido por pessoas de ‘*status inferior*’ para conseguir a simpatia de pessoas populares, pois existe a errônea ideia de que ao elevarem seu *status* social na estrutura, resolverão seus problemas de interação.

Na esteira desse movimento, o sujeito negro utiliza-se muito da projeção nas suas relações sociais para lidar com seus problemas. E, por isso, passa por diversos movimentos de limitação de si e de sua ação no mundo. Para a autora, a construção da identidade do povo preto passa por: (1) buscar sua imagem refletida no social, (2) conscientizar-se de seu valor através da crítica e (3) ocupar o lugar de sujeito histórico.

Nesse sentido, a criação da identidade tem suas raízes em um processo que é histórico. Os negros da diáspora se encontram desenraizados de sua origem e, em conformidade com o pensamento de Penn Warren (apud Erikson, 1987), a sua busca por identidade perpassa a coletividade em um movimento de identidade resgatada, ou seja, a revalorização de sua representação social. A discriminação sofrida pelo povo preto está intrinsecamente ligada à escravidão e ao estabelecimento de hierarquias baseadas na cor, sendo a sua transformação uma reavaliação de sua história.

O debate acerca da identidade negra é uma forma de combater a tentativa de emudecimento das vozes que chamam atenção para o fato de que existe uma política de valorização da ascendência europeia como promotora de embranquecimento. É nesse sentido que a autora valoriza a obra de Neusa Santos (1990), segundo a qual só é possível ir em busca de si em conjunto com a tomada de consciência de sua negritude, no movimento de tornar-se negro. A relação de consciência da identidade põe em movimento a estrutura social, não é estática.

A escola, como um desses locais de construção da identidade e da dominação, possui o seu papel na dinâmica de intervenção na lógica social. O povo negro vê nela a possibilidade de diversificação e desestigmatização da sociedade e também como espaço de recuperação de valores africanos. A formação docente, por sua vez, tem papel fundamental no alcance dessas expectativas, pois é durante ela - nos espaços formais e, sobremaneira, nos informais - que o professor tem contato com os pensamentos e as epistemologias negras como formas legítimas de organização social. Sendo assim, é possível pensar a renovação dos espaços escolares como uma fonte e/ou alternativa para a mudança social e a democratização, bem como a equidade nas relações sociais.

O trabalho conduzido por Consuelo Dores e aqui analisado em sua forma de livro destaca um processo que transforma a indignação ética em racionalidade ética e é referência para tal.

Como ressalta Iris Goulart na apresentação da obra, Consuelo Dores consegue somar o compromisso social com o rigor científico requerido pela academia. Nesse sentido, ao mesmo passo que produz ciência, contribui para a significação de diversos aspectos da vida de seus entrevistados e dos que se debruçam para a leitura da pesquisa em seu resultado final.

REFERÊNCIAS

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. São Paulo: Graal, 1990.

ERIKSON, Erik. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

GOFFMAN, Erwing. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.